

Críticas teatrais - espetáculos "Mundo Miúdo" e "Gringa Errante"

Gilson Borges <gilson_borges@hotmail.com>
Para: genuni@ig.com.br

7 de maio de 2012 15:36

"Mundo Miúdo"

O Teatro de Bonecos é uma modalidade que atrai cada vez mais artistas e público, resultando em eventos como o "Festival do Boneco", que já contou com duas excelentes edições promovidas pela Cia. de Teatro Nu Escuro, em Goiânia.

A escolha da atriz e bonequeira gaúcha Genifer Gerhardt, no espetáculo "Mundo Miúdo", que abriu, na última quinta (03/05), no Teatro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a 12ª edição do Festival do Teatro Brasileiro - Cena Gaúcha, no entanto, não é muito comum. Ela decidiu trabalhar com o gênero conhecido como Teatro Lambe-lambe, em alusão ao ofício dos fotógrafos que trabalhavam (e ainda trabalham, em algumas cidades) em praças e calçadas, registrando imagens de pessoas com suas caixas fotográficas.

"Mundo Miúdo", como a própria designação informa, apresenta personagens minúsculas, manipuladas durante cerca de 2 minutos, para um único expectador.

Toda a criação, carpintaria e pintura da caixa cênica, iluminação, cenários, confecção e manipulação dos bonecos é de Genifer Gerhardt, que propõe o inverso da ação efetuada pelo fotógrafo lambe-lambe, já que o fotografado (espectador) é quem observa o que mostra o interior da caixa escura, e não o fotógrafo.

O que, a princípio, poderia parecer somente a exposição de imagens em uma caixa, neste caso, se converte em um espetáculo completo, com cortina, personagens, cenário, iluminação (controlada por Genifer com um dos pés, por meio de um pedal) e trilha sonora de Renato Muller (acompanhada pelo expectador com o auxílio de um fone de ouvido).

"Mundo Miúdo", na verdade, é o nome de toda a estrutura envolvida na execução do trabalho, a qual pode ser utilizada para a apresentação de cenas variadas. Trata-se de uma pequena caixa de madeira, com pouco mais de 30 centímetros, sustentada por um tripé, que pode ser regulado de acordo com a altura do expectador.

A cena que tive a oportunidade de assistir intitula-se "Vó". A abertura da cortina revela a presença de uma velha senhora de traços bem feitos e marcantes (ainda que não muito belos), manipulada pela mão direita de Genifer, enquanto sua mão esquerda também é utilizada como personagem. Há uma combinação das técnicas de manipulação direta e fio, para a execução dos movimentos desejados.

O cenário compõe-se de material bastante simples (carretel de madeira que serve como mesa, bateria que se transforma em rádio e caixa de fósforo utilizada como mobiliário), mas em harmonia total com a cena apresentada. Até um palito de fósforo serve como bengala para a velha senhora.

Foi interessante acompanhar não só a representação da cena, mas, também, a reação e o encantamento de cada um daqueles que a assistiam, satisfação, esta, provocada não só pelo delicado trabalho desenvolvido e apresentado por Genifer, mas, também por sua grande simpatia no acolhimento de sua plateia de um único expectador, o qual recebia, ao término do espetáculo, um selo também miúdo, retratando a Vó apresentada na peça, bem como o endereço do seu site (www.genifer.com.br), o qual também vale a pena visitar.

O Teatro, já cunhado como a arte do efêmero, por atingir uma plateia quantitativamente limitada, que assiste sempre a uma encenação diferente, mesmo em se tratando do mesmo espetáculo, neste caso, atinge o ápice da efemeridade, já que uma única pessoa pode testemunhar cada apresentação, tonando-a algo íntimo e único.

Gilson P. Borges

“Gringa Errante”

No último domingo (06/05), o público frequentador da Feira do Cerrado teve a oportunidade de acompanhar o espetáculo “Gringa Errante”, dentro da programação da 12ª edição do Festival do Teatro Brasileiro - Cena Gaúcha.

Trata-se de uma combinação entre a linguagem do clown, Teatro de Rua e Teatro de Animação, apresentada pela atriz, palhaça e bonequeira Genifer Gerhardt, por meio de sua personagem Palitolina Russo. Além de atuar, Genifer também recebe os créditos pela direção, roteiro e confecção dos bonecos e adereços de cena.

Ao invés de iniciar seu espetáculo no local que já encontrava-se preparado para a apresentação, Genifer aproveitou muito bem a oportunidade de interação com o espaço e o público, ao optar por sair já caracterizada como Palitolina do estacionamento da feira e ir percorrendo várias bancas, cumprimentando e convidando feirantes e visitantes a assistirem o espetáculo.

O cenário compõe-se de duas malas, das quais brotam duas altas flores confeccionadas com tecido, que são utilizadas em uma das cenas. Seu figurino, juntamente com o nariz de palhaço e um toque especial dado por seu gorro, o qual conta com uma armação de arame que permite a mudança do seu formato, caracterizam perfeitamente a personagem Palitolina.

A interação constante é o que garante a graça e o ritmo fluente do espetáculo, não somente por meio da seleção de “voluntários” que ajudam na construção de cada quadro, mas, também, da utilização de ações simples, como pedir a pessoas do público que partilhem com ela o que estão bebendo ou comendo. A simpatia natural da atriz torna tais ações ainda mais efetivas.

As técnicas de clown utilizadas são enormemente enriquecidas com as técnicas de manipulação, como ocorre no quadro em que Palitolina contracenava com um casaco vestido em um tripé, encimado por um chapéu, conseguindo, em certos momentos, o efeito de que o paletó realmente tivesse ganhado certa dose de vida. O mesmo ocorre com os delicados movimentos utilizados por ela para manipular uma boneca que reproduz sua própria imagem, e que, por sua vez, manipula uma boneca menor ainda, com a mesma aparência. Esta cena é de beleza, ternura e poética ímpares e chegou a arrancar diversos comentários positivos da plateia.

Todas as cenas e ações funcionaram muito bem, o que deu a impressão de o espetáculo ser mais curto do que poderia ser. A inclusão de mais um quadro seria muito bem-vinda e poderia ajudar a suprir a sensação de “saciedade” da plateia.

O uso de microfone, principalmente em espaços maiores e ruidosos, faz-se necessário, a fim de que toda a ação seja devidamente acompanhada pelo público e que o tom de voz um pouco esganiçado, utilizado pela atriz quando o barulho aumenta, com o intuito de se fazer ouvir melhor, seja suavizado, tornando a interpretação ainda melhor.

Enfim, a “Gringa Errante” Palitolina, apesar de seu comportamento aparentemente desajeitado, conquistou a todos com sua simpatia, técnica, graça e poesia.

Gilson P. Borges